

Maria Ignez de Barros Silveira

Receitas Poéticas e Surpresas do Cotidiano



Maria Ignez de Barros Silveira

Receitas Poéticas e Surpresas do Cotidiano



Editora chefe	Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Editora executiva	Natalia Oliveira
Assistente editorial	Flávia Roberta Barão
Bibliotecária	Janaina Ramos
Projeto gráfico	Camila Alves de Cremo
	Ellen Andressa Kubisty
	Luiza Alves Batista
	Nataly Evilin Gayde
	Thamires Camili Gayde
Imagens da capa	Acervo da autora
Edição de arte	Luiza Alves Batista



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo do texto e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva da autora, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos a autora, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof^a Dr^a Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof^a Dr^a Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
Prof^a Dr^a Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Prof^a Dr^a Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Prof^a Dr^a Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Receitas poéticas e surpresas do cotidiano

Diagramação: Ellen Andressa Kubisty
Correção: Yaiddy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: A autora
Autora: Maria Ignez de Barros Silveira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)	
S587	Silveira, Maria Ignez de Barros Receitas poéticas e surpresas do cotidiano / Maria Ignez de Barros Silveira. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2023. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-258-1976-1 DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.761231310 1. Receitas. I. Silveira, Maria Ignez de Barros. II. Título. CDD 641.5
Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166	

DECLARAÇÃO DA AUTORA

A autora desta obra: 1. Atesta não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao conteúdo publicado; 2. Declara que participou ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certifica que o texto publicado está completamente isento de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirma a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhece ter informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autoriza a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

RECEITAS POÉTICAS E SURPRESAS DO COTIDIANO	1
A carambola	1
Jaca.....	2
Jaboticabas	3
Agora as Amoras, amores.....	5
Mexerica Fuxiqueira e Ponkan	6
Goiabas	7
Táta.....	8
Assustar o doce de Bananas!.....	9
A galinha da vizinha.	11
A chuva fez que fez!	13
Livros 	21
LUA.....	28
O sofá.	29
Paisagem.....	36
No ar.....	39
Mangas	39
Frutas Acerolas.....	40
SOBRE A AUTORA	56

RECEITAS POÉTICAS E SURPRESAS DO COTIDIANO

A carambola



Para se fazer um bom doce de carambolas, deve-se colhê-las com carinho e lavá-las com abundante água, cortá-las “estrelas do sol”!

Basta levá-las ao tacho, que foi lavado com sal, vinagre e limão. Fica brilhando como um espelho de ciganas. Na sorte do ponto certo e da mão, lá vai açúcar quase a gosto.

A paciência rasga as horas numa demora quase sagrada de transformação das frutas estrelas.

Modo de fazer:

1 quilo de carambola

1 quilo de açúcar

Pronto o doce das memórias da infância lá da fazenda Prata.

Jaca



Quem disse que jaca não tem sabor? Jaca dura, jaca mole, jaca com amor.

Jaca dá um doce que é um primor. Quem vê a jaca no pé ou na flor, não consegue imaginar a textura e o sabor.

Para abri-la tem ciência de muita prática, com acertos e erros.

A jaca se corta de cima para baixo, ou seja, no sentido do talo. Agora partida, chega a igualar quando se abre um animal, mas é vegetal, cheia de bagos. Unte as mãos com óleo de cozinha e comece a retirar bago por bago, numa vasilha limpa. Vai-se tirando o caroço e colocando o bago aberto (feito cavalo castrado lá no alto do curral).

O velho tacho da vó Belizária brilha na história do sal, vinagre e limão. Um olhar no espelho, outro no coração. É saudade.

Bora! A mesma medida de um por um, dois por dois e três pratos de jaca, três de açúcar, ou a gosto. O cheiro e o sabor são indescritíveis. Uau!

Mudando de cor, como tudo desvanece, ao contrário, a jaca escurece e fica numa cor ímpar, bege geleia com muito sabor.

Pronta!

Jaboticabas

O cheiro das flores desperta o dia. Delícia de brancuras a se transformar.

Dá trabalho demais catar a jabuticaba. Já não é coisa fácil, coisa de pacienciosa, uma por uma, para não derrubar as outras gêmeas que estão ao lado. Quase xifópagas, que doceira gosta de enfrentar na magia da mudança.

Abre-se uma por uma, espremendo-a e tirando o suco e as sementes.

Coloque por dois dias na água fria. Troque a água de três em três horas para tirar o amargor de sua casca.

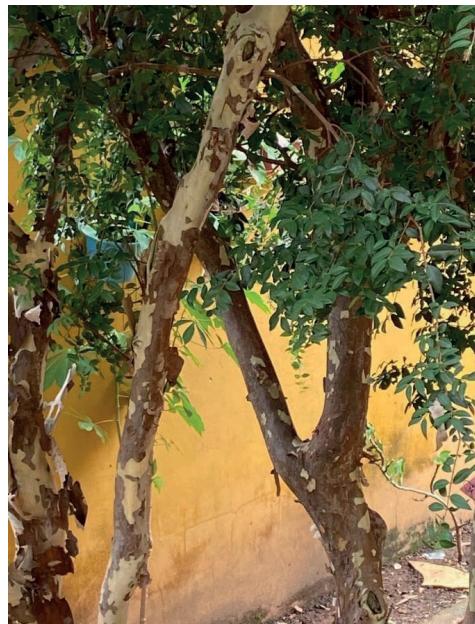
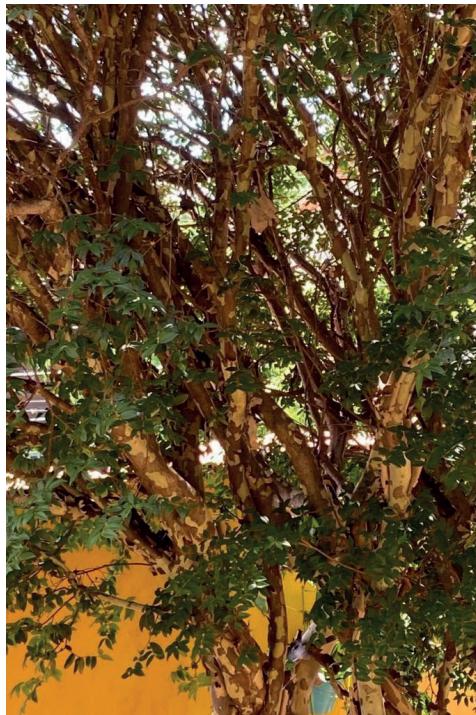
Vambora levá-las ao fogo. Primeiro passo: dar uma escaldada na fervura, colocar o açúcar e cozinar em fogo médio até cozinhar. O tempo é justo e não adianta querer avançar na feitura. É na caminhada lenta que se ganha sabedoria.

Voilá, Pronto!

Doce sabor escorre pelos cantos da boca. É para deliciar frutinha (casca por casca), lembrando da fruta no pé.

Sem pé nem cabeça é gostosura no céu da boca. Ploc da fruta madura, no ploc da gruta casca no prato.

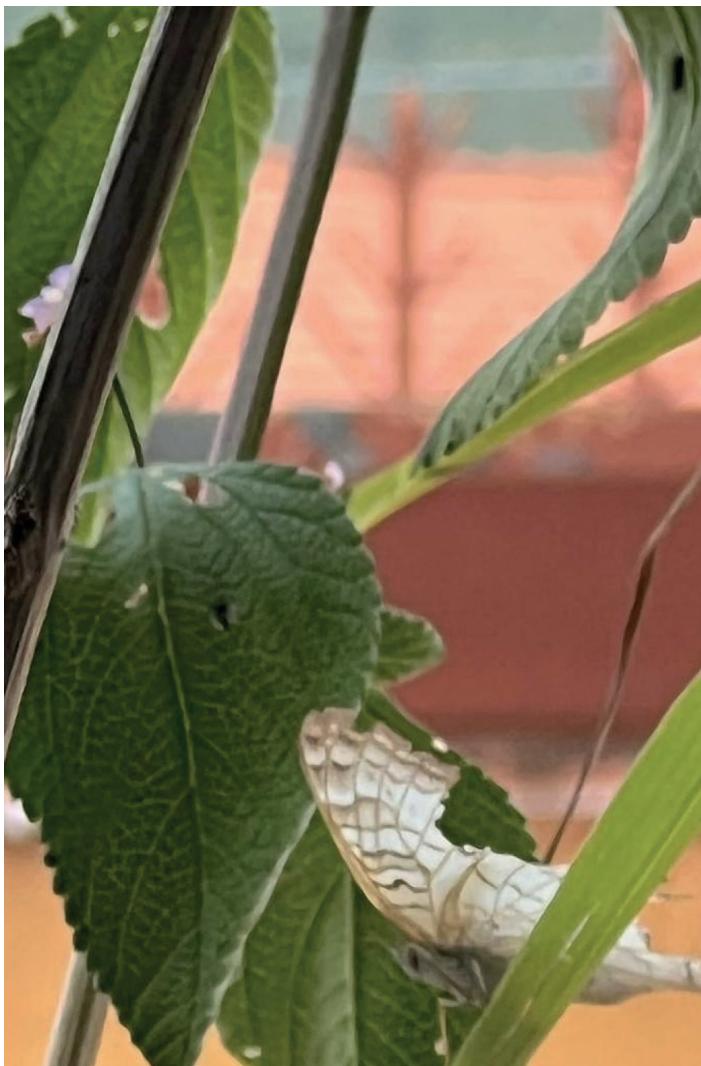




Agora as Amoras, amores...

A geleia de amoras, amoras, amoras, cores que marcam os dedos e a língua, os dentes. Encanto, desencanto ao sabor único das frutas roxas.

Fácil, fácil, por ser macia e pequena. É um doce rápido e feito no átimo. O ponto a garfo, frutas derretidas ou frutas de amoras inteiras, o paladar da bruxa vai decidir cozinhar e bruxaria, feitiçaria. E tudo se mistura daquela química de fé e jeito.



Mexerica Fuxiqueira e Ponkan

Geleia de mexerica fuxiqueira

Fuxiqueira? Sim. Não se pega a fruta do pé sem que o vizinho saiba. O odor dela se espalha e ela fuxica assim o apanhamento, entregando o ladrão. “Ela é cheirosa, olorosa e perfumeta”. Minha mãe dizia: “Leva longe o seu cheiro no pomar, cheiro raro hoje em dia, com tantas frutas híbridas”.

Os pés “francos”, ou seja, aqueles pomares centenários, só existem nas antigas fazendas, nos interiores que interiorizam nossa memória e exteriorizam coisas e histórias que, junto com a cultura, irão exalar no vento.

Gente, acreditem, pegam-se seis ponkans ou oito fuxiqueiras, corta-se em quatro, leva-se ao tacho e ferventa, e troca a água e ferventa novamente, para tirar o sumo forte de sua casca fuxiqueira. Não tem igual o sabor dos grandes casarões autossustentáveis.

Hoje tudo é industrializado. Não se dá a importância ao original sabor dos alimentos feitos artesanalmente. Produz-se o doce para comer sobre o pão ou torrada com chá de folhas verdes, avermelhadas da alfavaca.



Goiabas

Bicho de goiaba, goiaba é!

Bora pra trabalheira. A trabalheira na espera pelo resultado gostoso do doce. Cortar goiabas num balde, dois baldes, três baldes, quatro baldes.

Processo: abrir as goiabas e tirar as sementes, juntar as cascas e lavá-las debaixo da bica da porta da cozinha. Juntar as goiabas no tacho dourado da bruxa boa.

Açúcar na mesma proporção e não coloque água. Devagar, em fogo baixo, cozinhando por horas. Junta-se a própria água suada das frutas das goiabas. Vá pingando mais e mais água e, lentamente no passo do processo, as cores e o cheiro vão se pronunciando no vermelho forte de seus interiores. E o cheiro vai despertando uma saudade da cozinha lá da fazenda Prata.



Táta

Terezinha Coelho foi babá de minha mãe e minha babá. Dedicada, cozinhava o ar doce das fadas! E o doce estava pronto, depois de três, quatro horas, isso dependendo da quantidade no tacho, do tamanho do tacho, da altura do fogo, da brasa sangrando, ardendo em calor e experiência. Degustar, provar, esperar esfriar e encher as compoteiras com doçura de cana moída no engenho da saudade. É um prazer.

Saborear essas receitas com gostinho de carinho da infância.



Assustar o doce de Bananas!

Começamos por colher as bananas. Bananal grande, com vários tipos de bananas, nanica, pé baixinho, banana-maçã, banana-ourinho, banana-da-terra, banana-marmelo. Bananas, bananas, bananas...

Então de vez, quase ponto para serem aproveitadas, e os passarinhos já começaram a beliscá-las, sempre deixamos alguns cachos para os pássaros - enfim, precisam se alimentar.

Três dias após colhidas, mais ou menos, descascá-las e jogá-las no tacho com açúcar e alegria. Não faço calda para os doces, como muitas feiticeiras agem.

Então o doce continua claro, branco, bananas pálidas e nada de corar. Vamos assustar as bananas. Oi? O que? Assustar as bananas!

Agora, pegue meio litro de água gelada, ou pedras de gelo, e jogue entre as bananas que estão fervendo e já quase prontas. E, nesse susto de água fria, gelada, elas mudam de cor. Envergonham-se e coram assustadas com a temperatura oposta, extrema, sobre elas.

Prontas!

Experimentem bananas assustadas, vermelhas, e o doce fica corado com a cor do moreno caboclo!

Seguimos mesclando coisas de corações goianos.

(entrar poemas)vários poemas e voltamos com mais umas receitas.

Ando sozinha por essas serras maravilhosas. Sou apaixonada pelas belezas que vejo a cada andar. Redescubro estradas pelas quais já passei a cavalo. Naquele tempo ermo. Entre brejos veredas de buritis que iam até a casa de dona Agnes. Muita água. Fartura de vida que brota das pedras e, nesse solo mundial, flores, frutos. Um céu que abraça minha alma e eu despenco em memórias lindas de uma infância abençoada. Era um tempo em que se convivia e se viam lobos veados campeiros. Tamanduás, tatus, perdizes com seus ovos de cor ímpar, vinho escuro. Aves. Emas. Seriemas. Cabras , muitas. E o buriti sozinho olhava impávido lá do alto, abençoando a província no morro, ao lado do rio que nasce no planalto dos Pireneus. O olhar da criança que não teme o desbravar entre cerrados, não havia estradas, mas o trilho amassado pelos pés do cavalo. E meus 6 cachorros faziam a proteção das onças da gruta da onça. Das imensas cobras entre pedras. E a mãe do ouro  brilhando, estrelas douradas no correr metálico das águas. Areia terra vegetais típicos cristais almas. Cheio de almas no córrego do almoço. Que por lá passaram. Tudo mudou. Tem agora várias casas. Lá no alto no plano da serra. Até lixo em profusão. Isso me deixou triste . Fragmentos que escrevo agora. Ontem fui lá na

serra.

Carambolas. Carambolas estrelas de dezembro. Vêm amarelando o verde com seu sabor forte. Frutinha que enfeita as mesas do Natal. Estrelas amarelinhas de puro sabor. Combinam com o tender que, agri doce, tempera o humor. Seu cheiro delicado derrete na boca, sua delicadeza de sonhos e estrelas. É a estrela na terra de dezembro. Uii!

Oi, sol que ilumina areias profundas e levanta ondas infinitas.... Guarujá, mar molenga, preguiçoso, moleque....

Sol de música de espumas brancas... com lembranças de infância... deitada nos cabelos das ondas encaracoladas no horizonte.

Espanha. Alhambra granada. Tantas mais. A Espanha. É o vibrar das armas do passado.

Descendo de Barcelona a Lisboa. Passado pelo moura, história dessa cultura. Com palavras que transcendem insultar das horas. Lá vai. Algeciras cruzando o mar para lá. Tânger, o Atlântico enganando nossas conversas. Marrocos deserto e Alá cantando em Alicante. Sierra nevada com o grande castelo de Carlos, que na seca é banhado pelo desgelo natural da serra, esbanjando jardins de rosas gigantes e vermelhas. É a Espanha, com suas castanholas de Sevilha no som emocionante e erótico dos homens que tocam e dançam em nosso imaginário, balançando as tábuaas do palco. E as mulheres com vozes chorosas contam suas histórias de guerra, amor vitória.

Sapateando com suas saias rodadas. Levando os espectadores ao delírio da hora. Espanha, sangue latino, que também influenciou a nossa história brasileira. E Alicante, é ali que Alá Canta na beira do mar a levantar a mão direita Maomé mostra Fátima!

Desculpe-me os erros desta escrita. Obrigada.

A alegria de Valência e a gastronomia moura-espanhola. Come-se sempre em boa hora. Entre o desfilar dos cotes e da aurora. Espora cortando o tablado. Cavalos vermelhos desfilam pelas Plazas. Numa elegância colorida de muita alegria, ritmo e orgulho espanhol. Atravessa as cales. Nas lojas, descontos do verão. Mais abaixo, Jose Banôs. Porto de ingleses e ricos de todo o mundo.

Prédios nas montanhas estilo árabe, terraços, azeitonas e vinhos. Debruça na varanda a lua cheia na madrugada afora. E conseguimos ouvir a primeira reza do dia. Meca é respeitada nos cantos que acordam nossos dias. São os muitos morenos de olhos claros que encantam meus olhos e despertam minha paixão. É lindo estar na maresia da Costa do sol. Obrigada.

Brancas borboletas rasgam suas frágeis asas ao vento e pousam e voam, e Deus as abençoa. Vida singular dos vegetais descabidos, verdes folhas rotas abrigam o pouso na brevidade de renda branca, uma vida de significados missão cumprida. Asas de renda na brevidade do destino. Já rasgadas.

Sabe, por estas horas, fico olhando os passarinhos no comedouro. Pernas de palitos. Palitando entre as cascas de alpiste o grão cheio. Brigam, batem asas na disputa dura pela sobrevivência. Às vezes, quando olho pela janela da salinha de tv, tem um bando, pura revoada de asas pretas, pescocos azuis cintilantes, escuros. É tão bom este niente!

Tarde escorrendo pelas horas da serra. Cores mudam, silêncio delicioso, vinho do Porto. Eu, eu, euzinha, pra que tanta beleza se não for admirada a natureza?

Aleluia(s). A cabeleira branca da serra balança nuvens de aleluias que acordam de suas tocas. As aleluias são punhados de asas esperançosas lançadas à sorte e destino! Elas voam quase mimificadas entre chuva peneirada fina da saudade. Flutuam a favor do vento, frio, cálido, escritos entre os espaços das gotas serenadas, etéreas, cristalinas da chuva. Pássaros pretos surgem das beiras das casas, andorinhas coreografam o palco de nuvens lerdas. Vão à cata das aleluias, pegam-as no ar! Suas asinhas de cada lado do bico da ave! Esvoaçam pelo céu! Cadeia alimentar. Aleluias que escapam de seus predadores, perderam as asas (como Deus não dá asas a “formigas” rs) na impermanência da vida.

Aleluias andam rápido pelo chão molhado e invadem as casas. Transformadas em formigas, 🐂 correm pelas vidraças. Vidraças embaçadas da sala, vejo a branca cabeleira da serra que esconde, escorre neste tempo de primavera, desse jeito, suas milenares histórias!

A galinha da vizinha.

No repouso, tranquila após o almoço. Telefone toca insistente. Eu, quieta. Resolvi atender. A voz da vizinha: _Suas galinhas estão aqui - com ar abafado de desespero, e, na sequência: _Já prendi as cachorras... mas os gatos não tem como. Eu disse: _Peraí.

Vou lá ver minhas galinhas no jardim. E vou aí.

Desci, coloquei mais comida, colhi 4 ovos, um azul, e contei as galinhas. Todas disseram: _Presente ! Então já comecei a comemorar, rindo. 😊

😂 Pois com certeza não eram as minhas galinhas na casa da vizinha. E sim, logo imaginei as galinhas do outro vizinho da outra rua. Esse vizinho cria as galinhas soltas nas ruas. Fui lá checar. De fato, comecei a rir, essas não são minhas galinhas. Rs. Contei, as minhas estão todas em casa. No lar. Então ?

Então, tocamos as duas loiras Rhodia para fora do jardim da vizinha. E comentei: _Não são as minhas! - Rimos e voltei para casa.



A chuva fez que fez!

Fez que fez , pingou e não choveu. Nuvens lindas escuras, o povo alvoroçado, andando com pressa para se esconder da promessa de chuva. Deu uns pingos. Outros ali. E corre-corre a recolher cadeiras e mesas e a abrir enormes guarda-chuvas sobre as mesas. Maritacas voando e gritando, periquitos barulhentos e voos e pousos nas altas palmeiras da rua Aurora. Misto de alegria e desconfiança e nada de chuva. Pingos aqui e lá e lá e lá na serra branquinha, mas não chegam aqui com vontade de lavar a alma do povo!

O caminho de pedra que subia lá para a Serra do Buriti. Difícil de passar a cavalo ou a pé. E, no tempo das chuvas, escorregava feito quiabo no prato descendo goela abaixo. Bom demais. Ao terminar o tal caminho de pedras, entrávamos lá em cima no cerrado serra, verde, verde, que tremulava ao vento cheiroso do alto. Pureza no ar, pureza no tempo, na época no coração. A gruta da onça  Inscrições de João Paulino Gomes parente, meu avô materno. O proprietário da fazenda Prata.

Eram seis cachorros       nos acompanhando, crianças.

Desde criança, subia esse caminho de pedras. Puro prazer, para ver tudo lá de cima. A nossa casa sede. Os pastos. E Corumbá de Goiás, estrada de terra que era lama e poeira.

Cheguei. Pisando jabuticabas no jardim. O som dos ploc ploc. Com a lanterna na mão.  Super doces. Boa tarde. Boa noite.  Cheguei e saí pisando jabuticabas no jardim, lanterna na mão e o prazer do sabor doce das frutinhas. Nada fácil. Café da manhã, jabuticabas orvalhadas, geladas indecifráveis, irresistíveis, açucaradas, abençoadas como a infância! Vamos plantar no jardim do coração lembranças de imenso jabuticabal, com árvores centenárias planejadas, plantadas por minha avó. Os pés ficaram sujos de jabuticabas amassadas, e as sandálias (havaianas ), pés colando nas frutas! Rs.

A alegria que contagiava como um espelho de semblantes de luzes, corriam as crianças pegando um galho super carregado. Escadas para não derrubar as flores, ou frutas ainda verdes. Sabor que saboreamos com a alma infantil da inocência. As crianças, algumas, engoliam os caroços das jabuticabas e não era raro dar um enrolamento intestinal. Entupimento. Aaafffee. Pobres crianças. As jabuticabas caídas vão ficando com o cheiro fermentado e doce, frutas pelo chão.

Cheiro gostoso no jardim. Cheiro curtido que vai levando a gente a imaginar um Vinho  ou um licor. Sabores. Olores.

Odores. Saberes dos antigos. Havia vários potes de cerâmicas, ou melhor, de barro. Lá, cuidadosamente eram colocadas as jabuticabas (jabutifrutis, como dizia minha mãe). Ali, ficavam curtindo por meses. E o filtro, o coador, o medidor do processo de Fermentação, era feito por um feixe de palhas de milho seco.

Lavadas e colocadas dentro dos potes. Impressionante como esse filtro de palha de

milho ia ficando, colado de tipo de geleia das jabuticabas. Ácido, muito ácido e aveludado da cor da fruta madura. Conforme a densidade dessa borra, verificava-se o ponto para levar ao fogo 🔥. Tipos diferentes. Licor, punha-se muito açúcar, o vinho era mais no próprio fermento e era acrescentada cachaça da boa para aprimorar o sabor. Tantas coisas absorvidas nas idas e vindas de final de semana à Fazenda. Era tudo em abundância!

E os doces das frutinhas têm sabor, gosto inigualável!

Mappin. Quem se lembra? Quando criança, era o meu passeio predileto. Saía com o meu pai e o meu primo (alemão) Pedro - Pedrinho. E, lá pelas escadas e seu andares de muita variedade, as crianças enchiam os olhos com seus desejos e fantasias em torno da fartura de brinquedos. Era uma alegria ir à loja Mappin! E, nesse desejo desesperador de adquirir sonhos/ brinquedos que, à bateria, tocavam a bateria e andavam pela sala. O paraíso era alcançável! E com os olhos 👀 bem abertos, sonhos decolavam naqueles pequenos brinquedos.

Penso que o sentido e significado de ir em outubro comemorar o aniversário de meu vô - vovô Ignacio Florêncio da Silveira (sem Camargo /por opção / coisas de família), meu padrinho, tio Fernando, com seus olhos lindos de conquistar o azul do céu. Sim, era o céu e o sonho que ele me proporcionava com seus presentes 🎁, sempre em gordas notas, para que eu mesma fizesse minhas escolhas. Ou seja, realizasse minha vontade! Tio Pedro era doce, amável, carinhoso, com a voz sempre contida a tratar super bem a todas as pessoas. E as crianças, então, eram muitos doces e sorvetes de enjoar e lambuzar a roupa, mas com imensa felicidade. O bem-estar emocional era coisa de coração / com gratidão gratinada em gestos de amor. Meu pai, o mais moreno, o mais gordo, o mais risonho, é engraçado 😊 com as crianças. Uma pessoa emotiva, forte, sensível. Meu pai - amigo que sempre levarei comigo! Sempre a rever fotos, que sempre foram meu hobby, caro para aquela época. Eu era a retratista da família, dos Natais, anos novos na garagem de tio Sérgio e tia Beatriz, ou seja, nas praias, que aprendi a amar desde muito pequena. Engatinhava para a água feito tartaruga recém-nascida.

Hilarante lembrança. Tão nítida, tão prazerosa da certeza de tempo muito bem vivido.

Meu avô faleceu em 1968. Estávamos em Belo Horizonte, na casa de tio Fausto e tia Myrthes, na rua Alagoas. Na outra esquina era o Colégio Padre Machado. Outras memórias a contar. Feliz e grata!

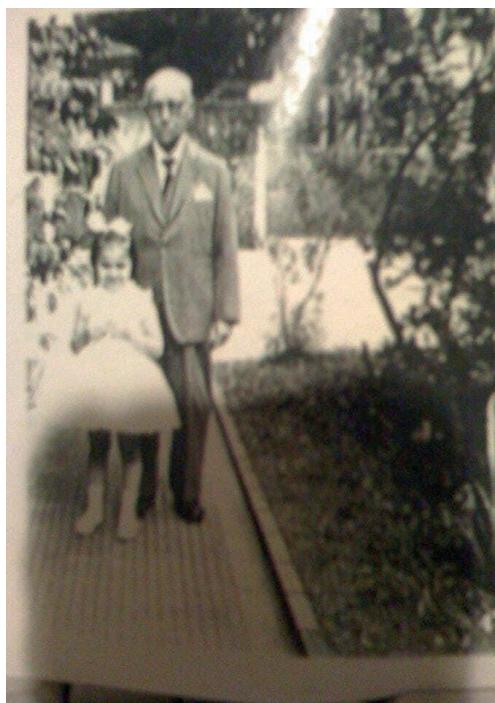
Tallin, Estônia e Saudade

Saudade é aquilo que sacode, cutuca a lembrança. Então a gente balança, canta, dança na imaginação. Saudades do café no pé de fogão de lenha. Saudade do carinho de bom dia antes de ir para a escola. Saudade de viajar brincando de adivinhar as placas dos carros. Saudades da risada de minha mãe. Dos ensinamentos de meu pai, tão acolhedor e carinhoso. Saudades de uma infância, que foi tudo na minha vida. A salvação para a terceira idade. Saudade é um acalento, um bálsamo que conforta pela vida bem vivida que compartilhamos.

Ao meu pai e minha mãe. E também a Táta, que foi minha babá e, é claro, foi uma pessoa extraordinária em minha vida. E hoje. E agora estou aqui na Estônia, atravessando terras e mares. No coração, a saudade gratificante. Não tenho foto de minha mãe aqui.

São tuas as luas dos sertões... as luas flutuam sobre suas mãos... os corações se enchem como açude de emoções e despeja amor, amor e ilusões.

Boa tarde. Setembro preguiçoso. Debruçado na janela do ano. Ouvindo uma cigarra cantando. São várias. Ensurdecedor na vagareza da tarde, um piu, outro pio. Na moleza do vento, uma rede balança em meu coração.



Sem saudades, nas asas nubladas do tempo. Calor de quem morre sob as águas dos olhos do céu.

A tarde cai, cor-de-rosa sobre as serras de Corumbá de Goiás. As estradas estavam cheias. E nas baixadas se percebia a friagem de algum sinal de possível chuva. O cheiro no ar ultrapassava nas curvas, baixadas lá na estrada, delineando o rio. Então, o rio Corumbá se mostra aqui e acolá lá embaixo do asfalto. Nesse exibir singelo, viam-se as águas claras de seu leito.

Assim, roncando o motor, deslizava sobre o asfalto quente dos passeios. E o sol extravasava raios entre fumaças das queimadas. Cor-de-rosa nos horizontes longínquos. Ah, que liberdade navegar no rio seco, negro, dessas estradas. Nem se viam os Pireneus de Corumbá. A cachoeira do salto, com pouca água, espirrava espumas brancas que se dissipavam no calorão. Fui até Cocalzinho apreciando a natureza ressecada com cinzas voando ao vento. Assim batia meu coração sobre a moto 🚙, a aventura e, ao redor, o sertão goiano. Lindo em todos os climas, tempos, idades, histórias que revivo vendo as entradas das fazendas que significaram idas e vindas e muita vida! Gratidão, 🙏 sertão amado!

Desperta, vai embora sem causar dor. A volta será sol de primavera árabe.

O calorão arreda das tocas os insetos. Os aracnídeos 🕸️, cobras 🐍 e as aleluias! Chuviscou por aqui na hora do almoço. Esperei por uma chuva pra molhar mesmo.

Nada. Calor tipo sauna. Suando na sala de tv. Os pássaros cantam menos com este calor jabuticabal. Sim. As frutas gostam. Mas precisa chover para segurar as flores, os frutos. E trazer de volta o voo dos pássaros. Estão todos em silêncio. Resguardados nas sombras. No interior do mato, no frescor das nascentes. Hoje foi um tal de insetos voadores. Moscas à fartura na hora do café da tarde. Invasão mesmo, varejeiras verdes. Bonitas, mas eram indesejadas. Fui acender as velas da varanda e lá estava uma aranha 🕸️ caranguejeira. Nunca tinha visto aqui. E também não tem barata. Só vi aquela voadora de Brasília. Um horror! Boa noite. E a lua, disfarçadamente, faz clarão lá na mata. E engana as luzes da cidade. Cheia, explodindo de prenhez a Primavera!

A tarde quente de setembro

O calor delirava e surtava, as andorinhas eram muitas em voos fantasias no restinho da tarde. Elas faziam voos rasantes, bem baixinhos, asas longas no silêncio da rua. E observei que o silêncio predomina no tempo de calor! As aves pouco voam e nem cantam. As andorinhas faziam voos acrobáticos. Festejavam a promessa da chuva. As maritacas sumiram do telhado. Nem vento, nem canto. Agora, os fogos das campanhas eleitorais, nesta terça feira, também estão calados. Comércio fechado 🔒. Como num filme de faroeste esperando o fantasma do calor passar. Agora, fogos estrondam lá em Bomfim. Tudo quieto e suando de molhar a cabeça, escorrendo pelo pescoço. A lua não liga, segue observando silente.

As folhas correm e passam como as folhas sobre o leito. Passam ideias, passa o tempo. Peixinhos pulam na beira do barranco. Entre andorinhas leves que levam o

encanto. A paz solitária da natureza. Não é solitária. É plena de belezas!

Elas cantaram em homenagem à lua. E o perfume das flores da jabuticabeira, enebriada à tarde no calor seco, polarizando a esperança da chuva do outro lado! De lá!

Nas estrelas de seus olhos, Deus reiluminou a terra, esses risos sem medida viram gargalhadas! É vida nova, um enigma que reinaugura o mundo agora. Na beleza luminosa de seu sorriso, renovo minha alma, reinauguro a felicidade do re encontro agora. É tanta vida em sua espontaneidade, tão natural em sua coragem, corre, corre, sobe, sobe, escorrega e grita no tom da vitória! Tudo é construção. Que seja muito abençoada e que conserve os risos nos olhos de estrelas! Para minha neta.

Saudades. Disso que tá rolando. Vibrando nos vórtices da paixão. Conhecendo o tesão da distância, tão perto como uma ligação de vídeo, seu rosto meigo e atrevido dispara choques em minha libido. Que voa nas serras, costas, cerrados e mares. No desejo de um beijo. Imaginado.

Fragmentos em cada pó de Estrela, constelações!!! Crianças. Férias. Tão curtas as férias de hoje. Adorava passar as férias de julho na fazenda. Andando a cavalo. Depois dezembro, janeiro, fevereiro. Ah! Natal, na maioria das vezes, era em São Paulo. Depois BH, casa de tio Fausto e Myrthes. E os primos vinham de São Paulo para a fazenda e a gente aprontava lá. Tempo muito bom. Tios, bolas, caminhadas, foguetes, fogueiras, estrelas no céu, nos olhos , segredos cadentes cortavam o céu na imensidão ampla, vasta, maravilhosa, estalos, estalidos de estrelas no céu da boca. Boca da mata, frio nas beiras dos córregos, assim!

Escrever é equilibrar as asas no universo, tão pleno de emoções e sentimentos. Poetar é um jeito de soltar o voo e pousar em algum lugar que dê significado, sentido e esperança. Transformar o mundo espremendo palavras que saem pelos poros de um coração grato. Transbordando pela boca as palavras tão loucas. Criar é parir ideias um mundo interno de forma fantástica e cheia de mistérios. Escrever é um voo de movimento entre o desmaio e o pouso. Ouso materializar o verso. Eis o verbo! A palavra que nos torna um escriba! Escrever a viagem que ultrapassa qualquer senso do querer explicar. O ploc da jabuticaba na boca e na alma do poetizar. Uma esperança. Caos na desordem, ordenando e coordenando o voo dentro da viagem!

Sabe, esta garoa me faz lembrar de meu pai. Nossos passeios pela cidade. Eu, de touca e pirulito na boca. Ele me colocava em seus ombros, e, com a garoa fina e fria, andávamos pela Higienópolis. Descendo para a General Jardim até o 13 de Registro de Imóveis. Uma esticada até a República. E, assim, saindo fumaça das conversas. Parar para um café quente na padaria do italiano. Muitos risos. Eu me aquecia no aconchego da roda de tios. Tio Fernando. Tio Pedro. E bora almoçar o bife com arroz, feijão e batata frita da padaria do Sr Nino. Rs

O piano. Dizem que nas tardes frias da Fazenda do Salto, escutava-se de longe o som que ecoava nas pedras das serras. Era um piano tocado com dom e amor. Enchia a tarde que derrubava o sol lá pros lados dos Pireneus. E se escutava o som das águas das cachoeiras que faziam parceria ao pianista. Era esse quadro embalava as tardes no Salto de Corumbá de Goiás. Ali passou Prestes com sua coluna. E lá se alimentaram com café quente ao cair da noite, ao toque das teclas onde corriam os dedos longos das mãos de meu bisavô. Muitas histórias atravessam aquelas serras e cruzaram o rio Corumbá. Não sei. Só conto o que ouvi contar. Esse piano adocicava a tarde num murmúrio de água noturna que refrescava ainda mais as noites. Posso imaginar a vibração do som do piano ali tocado, que também tocava a esperança de Deus, alimentando a fé de todos nós. Nos seus verdes campos de capim, entre pedras.

Viva São João! Lá na fazenda Prata, a fogueira era bem alta e as crianças tiravam fotos em cima dela. O mastro era assim, três Santos, três lados, três esperanças, o mastro todo enfeitado com fitas de bandeirinhas (é noite de São João) que, ao vento, flanavam numa dança colorida de imaginação, com limões amarelos, pés francos de limão francês.

Dona Agnes os chamava assim. Era uma expectativa grande, o dia inteiro, pelos fogos amarrados no cocho grande do curral do meio. E as bombinhas e os buscapés! Esses faziam todo mundo tirar os pés do chão. Gritos e pulos seguidos e regados de risadas legítimas de alegria inesperada. A surpresa dos comes e bebes. Mane pelado, nossa, me deu água na boca! Amendoin , pé de moleque. Pipoca. Canjica. Pamponha. Cural de milho verde. Milagrosamente cultivados na horta e aguados todos os dias. O milho doce que dona Agnes trazia dos USA! Milho doce americano. Aquilo a gente comia até cru na espiga. Criança é um bicho muito danado, faz danuras que ninguém imagina.

Tudo bem guardado entre nós, crianças. Pacto de honra! Brincávamos de correr no curral sobre o esterco seco dessa época do ano. Os fogos estrelinhas prateadas, fogos coloridos, criavam caminhos e deixavam rastros pelos céus. Tudo tão grande, é infinito e cabia no meu coração. E lá pela madrugada afora, a brasa ardia e o sono vinha na morte da fogueira lentamente, morria nos olhos brilhantes de sono e êxtase! Que nada. Agora era hora de pular a fogueira. Era a hora de fazer as fagulhas subirem, e, lá no céu, estrelas! Fazia frio, orelhas frias e olhos acesos na luz quente das brasas vermelhas. Um vermelho que envermelhava mais com o vento! Tava na hora, estava na hora do Sr. Horácio andar sobre as brasas. E com fé nos Santos Antônio, João e Pedro, ia Sr. Horácio. Fazia a reza dele e ali ia passando na brasa esparramada. Que coragem! Que fé! Depois da caminhada sobre as brasas, a fogueira embrasada, as crianças passavam a bola furada e, por momentos, ela voltava a pular e a gente corria no vento frio das emoções e fantasias! Depois, era hora de correr sobre as brasas de botina de sola de pneus! Ao ir deitar, a cama era gelada, colchão de capim prensado, demorava para esquentar o nariz frio, e a canjica quente finalizava a gratidão do ritual de São João. O cheiro da fumaça e fuligens pelas roupas, inesquecível cheiro de saudade. Pela manhã, ainda havia brasas adormecidas sob

as cinzas, e, então, jogávamos água da mangueira do jardim para apagar a ilusão e poder passar com a tropa e com o gado. Havia uma alegria registrada nas faces dos adultos e as crianças eram a fantasia!

Vai aí com a dificuldade de digitar com este corretor que, às vezes, escreve o que quer. Risos e agradecimentos na conspiração do universo que consagraram nossas vidas naquele lugar! Fazenda Prata.

Céu craquelado de mês de junho. Segunda- feira, lá atrás JK levantando o punho. O frio que acorda a paisagem devagar. Nos passos preguiçosos de nosso andar, o vento sopra trazendo o seu perfume. No sonho me torno impune. Os apelos do inverno chegando. Casaco pesado, ousado olhar se aproximando. Neste craquelê me lembro de você ! Seus beijos ardentes de fogueira, quentão e lume. Éramos tão crianças a correr atrás de vagalumes.

O cheiro das flores das mangueiras! Gente, tinha me esquecido. Hoje, caminhando pela cidade, senti um cheiro que me remeteu à infância. Aí fiquei tentando lembrar. E era o cheiro das mangueiras em flor. Que delícia! Ouvia o zumbido das abelhas  beijando as flores. Como é bom andar à toa. Sem compromisso com horário e com ninguém. Sair com outro senso de ver coisas. Sentir cheiros de biscoitos caseiros.

Flores e com o olhar solto pra olhar com paciência. Olhar observador, uma arara lá no alto do coqueiro. Terrenos grandes dentro do centro. Terrenos vazios. E preços exorbitantes. Andei com a cabeça nas nuvens e os pés nas pedras que, mesmo com os pés calçados, machucam, e exigem dos joelhos um bom amortecedor. Vi flores, pequenas, coloridas, variadas. Gente daqui. O típico papo entre os nativos, mais velhos e um cavaleiro à moda antiga num cavalinho preto fazendo compras no mercado. Muitos muros de Adobe, outros de pedra. Onde há asfalto é área mais recente, construída querendo imitar as fachadas de Beiras e Eiras! Cores. A arara voou gritando rumo à serra, talvez em busca de mais alimentos para os filhotes do topo do coqueiro.

Veja nos reflexos. É tudo muito grandioso. Corajoso. Ilhas artificiais. Sistema de arquiteturas holandesas. O petróleo é o compromisso com o povo. É um dos maiores centros de comércio empresarial do mundo. Tudo irrigado.



Jardins. Tâmaras. Etc. A maior parte da água é dessalinizada, para atender à demanda. Os maiores e mais caros hotéis. O ouro está presente em abundância. Aqui no golfo pérsico. Arábico. Inacreditável.

Livros

No meio dia livros. Nossa! Como fico feliz. Ler os títulos que li, estudei, ri, chorei, aprendi. Nossa sábias mentes humanas. Um reencontro tão bom, quando rearranjo, limpo, é um prazer indescritível. Vcs estarão rindo. Só quem folheou livros à luz de vela  sabe o valor das palavras e seus transentidos. Sentidos além do aqui. Na adolescência, li muito antes de dormir. Li muito nos tempinhos livres/ livros no trabalho. Li grupos. Lemos *As Mulheres que Correm com os Lobos*, com discursões muito pertinentes. Uma viagem boa de mais e sem malas, sem passagem de volta? Rs. Tenho o hábito de riscar o livro. Assim ressalvo os pontos mais pontuais. As asas da imaginação e outras asas mais voam na psicologia, na filosofia, nos florais, tarot, cabala, sonhos, mitos, orixás, santos e ladrões. Os quarenta??? Sei quem sou, quem fui a cada idade pelas datas nos livros. E tantos outros que se foram emprestados no consultório, nas mesas das trocas de ideias, a liberdade de pensar, sem o certo e o errado. Sou uma leitora, não só de palavras, da vida. Assim faço os nichos pelas paredes da casa e não sobra muito espaço entre meus sonhos e a realidade. Coisas que acredito, referenciais, ou tudo pelo avesso. Li em profusão e perfumes por aí. Livros que acompanham algumas viagens. Anais Niin, ela andou por Marrocos. O importante é ter opiniões próprias. Fundamentadas pela vivência, experiência, sei lá, subjetividades que abusam de sabores dos saberes!  Livros.

 Não coube tudo aqui. Escrever também faz parte do espetacular mistério das letras/ leituras. Arrumando os livros, esqueletos que me sustentaram até aqui. Arrumando viagens!

Devagar. Divagar. Areia do tempo. Aldeia da hora. Na hora da vida, tudo é memória. Vento areia infinita.

Acho que estou tirando a areia até hoje. Saudades. Estado de estar. Seerrr. Sereno deserto noturno!

Vi um post sobre Paris de minha juventude. Deu saudades. Paris de minha juventude. De meus sonhos inocentes que amava viajar. Pelo Senna e quintais e pomares dos segredos estreitos das ruas de Lé chat! Cheiro de peixe. Mistérios de labirintos estreitos e surpresas a cada olhar. Subterrâneos de Paris. Metrôs. Estações. Gard d Lest. Partindo para tantas paisagens. Amores incondicionais da alma da juventude. Ânsia de ver, achar o novo, o sentido no museu Árabe. No hotel Tim.

Torre Eiffel. E gente de todos os lugares. Montmartre. Subir e descer na praça dos artistas. Lojas de tecidos maravilhosos aos olhos da menina Ignez. E lá pelas ruas, sempre era abordada.

Italian. Rs. Brésil! Moulin Rouge. Comer Moulins belga em Pigalli. Nossa! Os castelos. Jardins. Árabes vendendo produtos da China. Catedrais góticas. Notre Dame. E aquela imensa Chartres. Cada detalhe de voltar pelas ruas sentindo o cheiro da tarde das pequenas padarias. Sanduíches enormes. Vinho sempre mais barato do que a água. Paris, estou com saudades.

Galeria Lafaite. Museus e arredores sem fim para quem gosta de desbravar histórias. De meus amores. De fome de viver. O encanto que os filmes e a história nos contaram. Kkkkk.

Areia do tempo. Pedra que rola, vai deixando areia que o vento transposta por aí em imaginação!

Corumbá de Goiás. Fazenda Prata. Fragmentos alegres. Vivi num tempo do além. Capitais era este cerrado que conheci aos dois anos de idade. Nascida em São Paulo, cresci livre no cerrado, onde corri a cavalo e molhei meus pés nos sete córregos da fazenda Prata.

Corumbá de Goiás, verdes pastos. Campos infinitos lá na larga da Serra do Buriti sozinho, buritis altivos, Bandeira tocando a haste que sobe para o céu, horizontes de perder as vistas, muita água na Serra brilhava em suas pedras arenosas de cor de ouro e prata.

Como fui feliz na infância goiana de Corumbá de Goiás abençoada. O céu à noite era o mágico no olhar da criança que eu era. Imaginações, fantasias, liberdade no existir na própria fantasia infantil de gente que olha para a noite com humildade de gratidão, faixas verdes entravam na vegetação feito pés descalços entre pedras e águas límpidas e frias. Peixinhos e uma multidão de vagalumes no fim da tarde enfeitavam o jardim, o curral. Uma estrela caiu, eram tantas, tantas, tantas, que o fascínio tomava conta de mim. Um amor em expansão pela natureza e pelos bichos. Gente, vivi e vivo hoje podendo reviver essas belezas de Goiás. O tempo, o tempo, o tempo é uma caixinha de boas vivências.

Hoje chuvoso, lembrei-me da casa do vovô! A casa do meu avô. Ah, rua General Jardim, São Paulo capital. Ah, lá era a casa do meu vovô. Local de encontro da família, respeito e aprendizagem oral. A mesa grande e farta. 22, 23 pessoas sentadas ali. As crianças comiam na copa, mas eu sempre arrumava um jeitinho de estar com eles, os adultos, e todo aquele ceremonial respeitoso e tradicional da nossa família. Eram 15 irmãos. Meu pai era o fiel da balança, sete mulheres, depois ele e os outros que nasceram depois. Era muita austeridade, e brabeza mesmo, dos adultos com as crianças. Todos tomavam a bênção beijando a mão dos mais velhos, era o respeito, era a regra.

Amava ir para a casa das tias, do vovô, horas de viagem de Brasília a São Paulo. Era longa a viagem, mas havia uma emoção indescritível ao cruzar os Estados de Minas Gerais, sobre o rio Grande, e entrar na curva após a ponte no tão esperado estado de São

Paulo. A farinha roxa dos cafezais, dos longos canaviais e pomares que se espalhavam pelas paisagens. Era gritante a diferença de nosso habitual cerrado, naquela época não cultivado, e São Paulo verde de todas as tonalidades, cobrindo o solo roxo, vulcânico!

Que emoção chegar e rever tios, tias, primos e o vovô. As atrações do Natal, onde era costume enfeitar todas as casas e ruas do bairro Jardins. Saudades daquela menina, tão entusiasmada com as luzes, cores e o comércio, o cinema, os shoppings e o aconchego da casa de tia Nenê (irmã de meu pai). Apesar dos olhos verdes, era muito parecida com o meu pai) e tio Heitor (médico). Bom, a casa do vovô era um casarão, tudo amplo, salas de visitas, sala de TV, repórter Esso, sala de jantar enorme, mesa maciça escura para 25 pessoas. Como as famílias eram grandes! E o cartório, 13 registros de imóveis, também na General Jardim lá para baixo, já perto do centro. Ali se situa até hoje, no bairro, a escola Mackenzie!

Rua Itambé. Andava-se ali com liberdade e sem medo. Lá pra baixo, o Gurgel! Tio Pedro morava em Pinheiros, a gente ia pelas Rebouças. Logo ao lado, a pé, Teodoro Sampaio e aquele comércio maravilhoso. Sim, a casa do vovô tinha os quartos em cima - das meninas. Eram meninas mesmo depois de alongada idade, 86 anos, 103 anos, sempre as meninas. Como dizia uma prima, elas tinham uma saúde irritante.

Sim, o jardim com um pé de café. Meu avô teve cafés plantados na crise de 22. Queimaram toda a produção, e, para não se esquecer, tinha esse pé de café no jardim. Tenho uma foto com ele ao lado do pé de café, no jardim. Ficávamos hospedados no apartamento da garagem, enorme, com janelas que davam para a garagem que era numa descida. Lembro-me do cheiro antigo dos móveis. É lá chegavam correndo as primas, filhas do tio Leão e tia Elvira, a Silvinha (era a mais espevitada) vinha correndo e chamando pelos tios João e Ascendina e por Maria Ignez. Brincávamos muito, que fantasia boa é a infância. Sim, e sobre esse apartamento tinha o apartamento do vovô. Sabe que a cozinha era local proibido para as crianças. Iámos até a copa, de lá não passávamos. E tinha Lina, brava, cozinheira de mão cheia, suas sopas antes do jantar, hummm, quentinha, acolhedora, sabor, carinho e proteção de família. Adultos, muitos, cresci com mais adultos do que com crianças. Essa era a casa do meu avô paterno, Ignácio Florêncio da Silveira (Camargo), e o Barros era da vovó. Meu avô dizia que meu pai era sempre chamado de Dr. Barros, ele não se conformava, dizia que deveria ser Dr. Silveira.

Descendo a pé pela General Jardim, na primeira esquina, ficava o apartamento de tia Tita e tia Carmen. Sob o cartório, a confeitoria italiana – hummm, o cheiro era muito bom! 10 de outubro era o aniversário do vovô. Sempre matava aulas e íámos para a festa. Era muito divertido, todos da família éramos muitos. Fragmentos!

Aqui no jardim, tenho uma família muito simpática de galináceos. Alguns chamam de jardim dos milagres. Jardim encantado. Jardim prodigioso. E assim fazemos nossas pilhérias e nos divertimos muito, dando boas risadas. Dizem que tem o olhar de secar

pimenteira. O dedo verde, que tudo planta, tudo nasce. E assim vai. Rs. Na quaresma as galinhas não botam, deve ser porque logo vêm os ovos da Páscoa! Risos. A família é composta por um lindo galo carijó, uma galinha caipira que veio da chácara e seus dois pintinhos, que já são franguinhos.

Noutro dia, percebi que a galinha Jussara já estava cantarolando em plena quaresma e rejeitando os filhos já crescidos. E hoje, em plena quaresma, está lá na cadeira um ovo. Só pra contrariar o ritmo normal das coisas. TRANSGRESSORA Jussara, cantando e botando na quaresma. Será mesmo um jardim misterioso, onde tudo nasce e produz? Kkkkkkl

Musgo lodo livro. Mundo lido vivo. Livro esquecido. Úmido verde vencido. Lendo lido livro. Relembro a vida caída. Tronco na fase da putrefação. Transformando a vida. Como quem lê um livro. Vivo vivo revivo! Ignez. De curaçau e coração.

Verdade. Fico observando os ciclos das rosas. E é um renovar sagrado. Poesia de sereno e estrelas caindo. Lua esplendorosa que exala os cheiros das rosas. Então, eu podo a flor murcha e, num encantado, mistério da noite, o ciclo se completa. Brota, brota folga vermelha e depois o botão explode entre as folhas novas tingidas de verde esmeralda. E assim admiro minhas rosas e tenho por ela uma gratidão 🙏 enorme. Porque renovam belezas diárias a cada amanhecer e explodem pétalas pelos ares ao vento no ciclo exato do renascimento.

Quantas vezes você foi à Turquia? Nossa, logo na fila do *check-in* no aeroporto, um homem falou comigo. E eu disse a ele: "Por favor fale em inglês". Ele, furioso, disse: "Estou falando inglês!". Queria o isqueiro. Tempo que a gente fumava feito caipora. Fui numa idade ótima. O hotel era um apartamento pra ninguém botar defeito. Sala ampla. TV. Salinha de jantar. Dois quartos. E um senhor banheiro. O gran bazar! O que era aquilo?! Que doideira para mim. Brasileira. Culturalmente absorta! Detalhe: ao ir fazer câmbio, grande surpresa: mulher não fazia câmbio. Sorte que no passaporte constava o nome de meu pai. E mesmo estando milhas de distância, no Brasil, o câmbio saiu em nome dele. Uau 🎉! E se não tivesse o nome de uma figura masculina em meu passaporte? Não faria câmbio? Muito louco.

O povo bonito no barco no canal do Bósforo. Famílias passeavam, faziam turismo, e a beleza dos rostos e peles alvas era um escândalo de formosura. Quantas vezes você esteve na Turquia? Sophia, aquilo é um templo maravilhoso de se maravilhar. Ancara e a vista. Mar Negro.

Rio de Janeiro, 30/01/82. No espectro do horizonte, coloquei meus olhos e minhas asas alçaram voo. Vida.

Rio de Janeiro, 30/01/82. Desmancham na praia as espumas brancas do tempo. De longe o verde do líquido denso desnuda toda a imensidão. Nudez completa, bonita e misteriosa. Neblina oculta o fim do horizonte. A vida recomeça a cada onda que se une a

mim. Despertando um mundo de muita esperança.

Bom dia. Acordei com lembranças de Curaçau. Musgo lodo livro. Mundo lido vivo. Livro esquecido. Úmido verde vencido. Lendo lodo livro. Relembro a vida caída. Tronco na fase da putrefação. Transformando a vida. Como quem lê um livro. Vivo vivo revivo! Ignez. De Curaçau e coração.

Acordando com os pés na areia. Coração no mar, olhos no céu. Pensamentos nas estrelas. O sol no sangue Paraíso.  Curaçau. Musgo lodo livro . Mundo lido vivo. Livro esquecido. Úmido verde vencido. Lendo lodo livro. Relembro a vida caída. Tronco na fase da putrefação. Transformando a vida. Como quem lê um livro. Vivo vivo revivo! Ignez. De Curaçau e coração.

Perdi meu pranto em algum lugar. Procurei-o tanto. Que é, nem pude acreditar nas valsas mortas que ouvi nas ruas. Nevoeiro como portas impediram-me de ver a lua. Lancei minha vida, você nem ouviu. Acho que é hora de partida. E você foi quem partiu. 30/05/1981.

30/08/80. Talvez esteja amando. Da lua, o seu esplendor. Talvez sob seus véus descobrisse a paz. Talvez sejam seus braços, seu pudor. Talvez seja loucura. Ser minha manta. Ser teu pranto. Talvez esta tortura de estar sob a lua minguante!

Santos, 06/01/82. Como é difícil compor a dor. Não sei em que escala. Talvez na de dó! (época de questionamento). Se for menor, relembrará o rancor. Debruçará na janela a lembrança amarela. De segredos dispensáveis!

Rio de Janeiro. A neblina envolve as montanhas. Mantos sedosos, luzes se acendem e o movimento não para. Seria um momento de contemplação?

Acho que somos o reflexo do que nossos pais viveram e nós absorvemos... eu sou brava, tenho espírito de líder, sempre dirigi equipes... Era assim com meu pai... ele era empresário, ganhou a vida e criou os 7 filhos fazendo acabamento de sinteco nos milhares de apartamentos de Brasília. Era justo, honesto e de caráter inabalável... o filho que absorveu isso construiu sua trajetória no mesmo princípio.

Escrevi isso só para me lembrar do seu Pai. É a mesma imagem que tenho dele... Sempre sisudo, calado, mas, com um olhar de admiração para tudo que a filha fazia... ele amava a Fazenda Prata e queria transparecer essa admiração por/para você... A sua Mãe, esbelta e falante, era o oposto dele na efervescência de ser. Na minha percepção de menina... eles refletiam uma gigante veneração por você... A sua Mãe não conseguiu te tornar o modelo de Socila da época, mas foi além... o amor pela natureza que ela sentia e o empreendedorismo de seu Pai pelas coisas da terra fizeram a *Dona Ignez* de hoje... cada foto de seu mundo que você posta, eu sorrio e sinto o olhar de satisfação de seus pais lá no céu!!! Você chegou onde eles queriam!!! Isso é bom demais!!

A serra estava branquinha com o primeiro raiar do sol. Clima agradável. Conforto aos olhos que apreciam. Algodão saindo da flor. Cabeça da vovó branquinha como o leite espumante no balde do curral. É a sensação gostosa de paz branquinha lá na serra, no horizonte alto um manto cobrindo a saudade.

Chuva  Aleluia! A chuva fez com que os pássaros inflassem feito suflê! Como não tivessem um lugar para correr. Assim conservam seus corpos mais quentes. Criam uma cortina protetora contra o vento. E os animais se enroscam como o velho Pacato! A serra branquinha como a velha sábia.

Silenciosa, penteia e despenteia os cabelos nuvens. Jogando-as em forma de chuva fina, chuvisco, quase inverno. O coração da idosa voa lá na neblina sagrada. E logo vira mais uma alvorada de mãos dadas apaixonada. Com a aguada do caju, pequi, jabuticabas, mangaba da serra e gabiroba da baixada. Tudo quietou. Senti até frio na sola dos pés. Quietou num silêncio bruto, que apazigua o fogo de nossas tristezas. Queimadas sem fim. Num desamor desarranjado que exterminou a fauna, flora de meu cerrado. Amarrando meus olhos numa tristeza pelos bichos, e que desastre danado destratando minha alma com lágrimas dos cabelos brancos que derramam lá da serra! Ignez Silveira. 22/09/20.

Eu tive um chefe que cantava isso pra gente, quando trabalhei na extinta Sudepe. Ele era um negro magro alto do Rio de Janeiro. Lá trabalhei com fiscais da pesca de todo Brasil. Viajei muito com engenheiros de pesca e biólogas. Foi uma fase interessante. Quando faltou tudo nos mercados. Até leite. Sobrinha no mini Box. E não tinha carne em Brasília, só frango. Menina, foi nessa época. Fui para os mares com bombeiros, fazer apreensão e explicar sobre o tMngao da malha das redes na pesca da lagosta. Litoral do Espírito Santo. Foi nesse lugar que ficamos por 25 dias trabalhando, afastados da cidade. E convivemos com esses fiscais que não sabiam nada. Desde como evitar filhos.

Coisas básicas. Do cotidiano. O Brasil dos brasis e todos os tipos de pobreza. Escolar educacional. Geral. Sanitária. Nossa, uma desolação! Foi bom porque me fez relembrar dessa fase da Sudepe. A música traz memórias. Rs. Valeu. Um beijo 😊

O dia está brilhante. Luz clara do sol. A chuva lavou o céu, as nuvens empoeiradas. Tem outro esplendor a esplanada da Capital!

Encerrando a noite. Histórias legendadas nos olhos que passam e repassam, à procura de um não sei o que! Onde moram as flores cheirosas de suas risadas. Tão escondidas, tímidas, enamoradas da noite. Cabeça curiosa contando estrelas que se escondem entre nuvens opacas. Será que vai chover? Mil orações aos céus. Como no Pico dos Pireneus, estrelas cadentes escorregam aqui, acolá, deixando um risco profundo na etérea tela do ar. Meus olhos noturnos debruçam sobre a calota celestial, vão meus sonhos, meus passeios a cavalo nas noites eternas do sonhar! A liberdade de imaginar estrelas nos olhos dos cavalos negros de crinas de pérolas. Arreio (sela) de couro verde brocado de flores. O ar puro. Puríssimo como a inocência das horas. Tudo mágico, festivo, corajoso, banhado de purpurina estrelar. As cores. As sombras no delírio, balanço do andar do cavalo. Onde estás? Onde moram as flores cheirosas de suas risadas? Um trecho de luz e sombra dentro do mato. O frio, a música noturna dos bichos. Sinfonia vibrante de pura energia. Tudo é um jeito de estar. Alegria. Alegria. Um grito alto soltando todos os bichos dos humanos da cidade. As estrelas bailam num cintilar louco nas marolinhas do lago Paranoá. Seus olhos escapam do nada e assim vão e vêm no alvo 🌟 dos mistérios. Quantas coisas a descobrir. Compartilhar é ser cúmplice de uma mesma emoção? Sei lá. Deixa pra lá !!! Copos sobre a mesa na varanda. Espumante borbulhando em meu nariz. A lua refletida em minha taça.

Cores dentro da tarde. Não! Não, a tarde não está triste! Há belezas nas nuvens cinzas.

Gris. Grisalha tarde. Quase se encontrando com a noite. Num abraço secreto e sereno de paz.

LUA

Emoções... águas profundas dos mistérios.... acharás Netuno? Lua cheia de novembro e as negras gatas olham com o olhar que só elas sabem. Gatti famosos do mundo todo. Da idade medieval.. de bruxas... alquimistas, maçons, pedreiros. Filósofos... místicos... todos observam a lua. As (Os) amantes das belezas eternas, mistérios... segredos. Amores. A Preta vê a lua. A Nega olha de longe, lá da cadeira, a m b a s filhas do universo. Cara ou coroa?

Carpem Diem! Minhas gatas... com certeza caíram do céu.

Bom dia. Pensar. Preto e branco. O tempo traz maturidade e aumenta a alegria. A alma vai, o físico é moradia, sofre os desgastes do tempo sem perder o entusiasmo e alegria. O inferno são os outros e o céu também. Agradecer a benção da vida! Gratidão 🙏
M. Ignez de Barros Silveira

Narciso ferido. E o beijo desejado não rolou. Foi só mal entendido naquela dor. Flor no jardim sem fim, flor.

24/11 Narciso 🌻 ferido!

Quinta feira. 2020. O ano se despe e desveste da pandemia. É essa a minha esperança. A vacina veio.

Assim mesmo, o ano que homeopaticamente escorregou, ou agarrou com vidas / mortes. Tão presentes em nossa sorte de estar escorrendo. Correndo escapando pelas estradas do leva e traz. E no barulho adrenalítico do motor. Kawasaki kamikazes, com fé, vivem as paisagens insustentáveis do destino. Da proteção. Da sabedoria. Da perda e da dor. Tudo ressurge na fé e no clamor de Deus! Assim. Dia de sol. Vou lavar roupa e passear por aí. Kkkkk

Sentei-me para tomar um café no Bacci di Latte. E lá estava a jabuticabeira no pedestal enfeitando o shopping. Aí pensamentos vieram. Ela fora colocada ali. Será que lá é o lugar dela? Um bocão de vento soprando sobre ela, fazendo-a balançar como se livre fora, aterrada num pomar, jardim, um lugar onde pudesse receber os pássaros com suas cantorias. Receber o sol diretamente em sua fotossíntese. E ali o teto era de vidro, dando a ilusão de um céu aberto. Um tanto artificial para essa jabuticabeira. Ah, se pudesses guardar os ninhos com ovinhos de luz! Sentindo os filhotes fazendo o primeiro voo.

Recebendo a friagem da noite, estrelas cintilantes e luar de prata! Assim, após a sua carga de frutas pretinhas e doces, poder fazer, à vontade, a sua descamação de pele-caule. Descascando na renovação da vida, do ciclo da vida. Mas ali, mera espécie que poucos

percebem e dela desfrutam. Olhares que nem sabem o que é uma jabuticabeira generosa de frutos. Nem conhecem. E ali, esquecida em sua solidão, civilizada e crua. Recebe condições necessárias à vida, mas não se refaz ao vento, chuva, sol, sereno e noite escura. Não conhece os vagalumes, pisca-piscas que encantam suas folhas, enfeitando e alegrando o seu viver! Ig Silveira. 11/02/20.

Amanhece coberta pelo etéreo véu, imitando a ingenuidade do nascimento do dia. Essa neblina vai e vem ao vento descolado. Quando penso, vai para lá, se esconder em Corumbá de Goiás, e vem de volta para cá, Pirenópolis.

Devagar, desafios dissipam, despistando o tempo. Será chuvoso?

Nem tanto! O véu vai se desfazendo, trazendo formados na serra. Encostas maravilhosas, cores de vegetação. Ora escura, acumulando muitas árvores da serra e cerrado. Imagino ali naquele colo descendo uma cachoeira! E não me canso de descobrir no horizonte novos cantos para repousar! Ig A serra leva o dia na garupa do sol. Que tomba devagar depois da chuva! Ig Silveira, 21/01/20. Dia de Santa Agnese!

O sofá.

Ontem um carro parou e, em segundos, deixou um sofá velho (abandono de idosos é crime!,, entrou no carro e foi embora. Descartes de coisas usadas no meio do jardim deviam ser proibidos. Ou não ? Está lá o sofazinho de dois lugares, marrom, de Luan Santana. Desamado no meio do capim, perto da calçada. E tudo misturado ressalta a cena esdrúxula na cidade. Para refletir à luz do dia o desmantelo da tarde. O despacho de lixo no centro da cidade. Aqui perto tem um borracheiro que costuma queimar o lixo, subindo a fumaça escura que cheira a borracha queimada. Apenas a procura de instruções aos moradores.

A jabuticabeira abraça o mamoeiro, protegendo-o do vento forte. A jabuticabeira acolhe passarinhos. São tantos e tantas variedades, que não sei nomear a todos.

Ninhos, cascas de ovos pela grama, sinal de que nasceram, saíram da casca. O joão-debarro bate asas, cantando feliz. Ele também vem buscar comida e barro no jardim. Penas, penugens caem voando até o chão. São tantas delicadezas, que me enche a alma de paixão pela vida e pelo abraço da jabuticabeira e da natureza. Onde tudo tem o seu espaço, o seu lugar, o seu direito à vida e ao voar. As folhas da bananeira da casa da vizinha acena ao vento e folhas rasgadas pela força do vento, fruta-do-conde altiva lá nas grimpas! Esta jabuticabeira me lembra os apartamentos de Brasília. Segundo um amigo do Sul, se bater uma varinha, sai gente de todo tipo. Rs. Aqui saem os pássaros da jabuticabeira. A alta árvore seca, ontem, abrigava 8 (oito) tucanos com seus bicos longos, produzindo o som único do bater bicos. Suas serras fazem um barulho único de tucano. Rs. E temos que viver de fronteiras. De cercas elétricas e alarmes.

Câmeras com sensores de movimento. E assim vai. Se não erguer a cerca, pessoas usuárias de substâncias entram, nada a perder. TV, som, tudo pra eles vale 10 reais. (Rrreal)! E não precisam ir até a pedreira, lá longe nas serras, pra comprar a pedra azul do delírio das horas de cristais orvalhadas de lágrimas. Cada um escolhe a sua vida. Será? Às vezes, a vida empurra a gente para situações que pensamos não escolher. Na adolescência, obedecemos aos pais. E agora? Temos referenciais e valores. Amém. Tô aqui ao pé da jabuticabeira, em sua sombra que me recebe com um ar leve de vento refrescante. Pimentas  lá no canto. A rosa era amarela, desvaneceu em sua existência. Isso é a vida. Um canário da terra se arrebenta de cantar. Passa um carro de som. Aqui avisam a população quando alguém vem a falecer. O café está quase todo maduro. Frutas deliciosas. Bora Bora. Quase meio dia. Contas a pagar. E alvorocados canários brigam pela comida servida a grão! Rs. Cheiros se misturam gostosamente. Grama cortada com sabor de fresca com hortelã, manjericão. Boldo capim-limão.

Erva-santa. Cebolinha. Coentro verdadeiro. E tudo isso é espetacular. Kkkk Ig Silveira.

Hoje fui comprar bananas e alface. Material de limpeza. No caixa pra pagar. Ouvindo as conversas e todos muito interessados. Um senhor disse: "Uma onça pegou o meu cachorro ontem". O outro perguntou onde. "Lá no engenho. Saída pra Goianésia". Um senhor que ouvia contou que as onças estão famintas. Com as queimadas, ficaram sem presas. É que lá na Raizama a onça  pegou um bezerro grande. Já desmamado. A moça de um dos caixas falou. Mas se a gente mata, o Ibama !!!!! A gente tem que ficar correndo o risco de perder as criações. Noutro dia, o menino foi de moto fazer uma entrega cedo e de moto lá na fazenda da Br 070. Ficou doido. Viu a onça lá no pasto. Quase morreu de medo. E disse que não faz mais entregas. Difícil, né?? Ibama, se souber, prende a gente. Se matar. Essas onças ainda não pegaram ninguém porque o povo anda de moto. Se fosse a cavalo... Rs. Aí eu palpitei: "Mas é o direito à vida das onças? A gente está destruindo tudo com plantações de sojas. Derrubando o cerrado todo. Onde os animais vão se esconder ??" "Ah", me respondeu uma do caixa, "a gente vem em primeiro lugar. Tem que matar mesmo". E, assim, paguei e vim-me embora. Pirenópolis, , 19/03/2021. Ig.

O mundo fechou. A festa não acabou. Pedras nos caminhos tropeçam nas UTIs. Convergem irresponsabilidades, tempos atuais. A vida encurtou nas janelas e tvs. A beleza é a espera da próxima paisagem na grande tela. Assim, viajando e aguardando. A paciência acabando sem poder acabar. O povo sofrendo. Muitos morrendo. E a luz no fim do túnel é nossa grande miséria! Kkkk. Ig

Ávida vida. Permeia a morte . Nesse bem querer, saúda a vida! A morte passeia na vida. É assim! Latifundiária de corações. Amores amigos! A vida avisa, ávida da vida, abraça a morte! Ig Silveira. 14/02/21 Pirenópolis.

Há lugares no asfalto que, como no deserto, parecem estar cobertos de água. Às vezes parece que o asfalto vira um túnel azulado nas sombras das árvores. E mergulho no

acelerador o cheiro das queimados aos redores, repete uma viagem no espaço, fumaça do tempo. Hoje sonhei com minha mãe, sorridente com seu vestido listado de branco e verde. Cabelo muito arrumado. Ela estava querendo pegar uma garupa, pois adorava estradas, sempre no volante da vida, deixando suas lembranças pelos caminhos. Ela me motivou às viagens e às belezas das outras culturas. Imaginações e delicadezas. Sua postura de uma mulher muito avançada para o tempo dela.

Talvez pelas leituras, estudos, falava espanhol, pouco de francês, pois estudou no colégio francês, inglês com fluência, viagens e criatividade. A alegria, o entusiasmo era sua marca registrada. À parte, era muito exigente e brava kkkk! Ela sorria! O asfalto trêmulo pelo calor do solo aumentava a trepidação nos pneus.

Sacudia memórias que povoam minhas lembranças. O céu meio encoberto, névoa pesada no ar de agosto. Mês angustiante para muitos pelo *fog* do cerrado. Ai, que bom reviver instantes! Ig Silveira

Bora. Bom dia. Dia nublado. Querendo, chorar ás flores dos cajus. Tudo no momento correto. Agosto vai chorar o cheiro de todas as flores que prometem os frutos do cerrado.

Ig Silveira

Ossum vem com suas vestes amarelo ouro  Surgindo e se destacando de um lado e de outro do caminho. Vários tons de amarelo seduzindo o passeio. E, assim, pétalas delicadas, espetáculo no azul e sob o sol seu amarelo doura e seduz a muitos, uma parada para fotógrafo lá em sua exuberância de sedução e beleza. Na simplicidade do dia entapecem as calçadas. Como pode alguém dizer que sujam as ruas?!

Espalham pedaços de sua roupagem desprendidas ao sabor do vento, derramadas distraídas pelas estradas. E aquele que vem andando faz uma parada, e, com o celular ao ar, revela e guarda sua seda de pétala arrebatada. Ig.

Meu pai tinha uma Harley, daquelas antigas do tempo dele. Uma noite, voltando numa estradinha de terra, a luz queimou. Ele, sem enxergar a estrada direito, sob um temporal, caiu numa ponte. Rs. Contava rindo essa proeza. Ele era genial. Tinha a maior paciência comigo. Era cúmplice das danuras anônimas! Ele me motivava a fazer coisas difíceis de que eu tinha medo. E dizia “vai, vai”. E eu ia. Kkkkkk Saudades de sua risada. De sua emoção ao falar de sua irmã caçula, Ignez, que tinha morrido tão jovem. Obrigada sempre. Ig Silveira.

A lua se entrelaça nos canos do sino e, assim, brinca de esconder. Vai girando o sino com o vento. Semi lua sino inteiro. Som delicado com a lua. Nesse movimento, toca a lua no vento do sino. Boa noite. Ig. Silveira.

Nublado. Sabe Deus se fumaça ou chuva querendo cair. Frio de levantar de noite para pegar outro cobertor. Ar frio. Fere as narinas neste tempo seco de cerrado afliito.

Sabe, associei agora ao sereno. Aquela paz noturna em uma fazenda. Clima de conversas e vozes cantando. Quando tudo se depara com o silêncio. O sereno fala. Deixa molhados nossos cabelos.

Vento. Relâmpagos. E nada de chuva. Agora chuvinha. Mas acho que não é de água. Porque não molha. Cai e seca. Chuva para limpar o céu. As flores do caju da manga da jabuticaba do caju e guabiroba. O cerrado agradece.

Chuva. Gratidão.

Sabe, esta garoa me faz lembrar de meu pai. Nossos passeios pela cidade. Eu de touca e pirulito na boca. Ele me colocava em seus ombros e, com a garoa fina e fria, andávamos pela Higienópolis. Descendo para a General Jardim até o 13 de Registro de Imóveis. Uma esticada até a República. E, assim, saindo fumaça das conversas. Parar para um café quente na padaria do italiano. Muitos risos. Eu me aquecia no aconchego da roda de tios. Tio Fernando. Tio Pedro. E bora almoçar o bife com arroz, feijão e batata frita da padaria do Sr Nino. Rs

A labuta e lida com os caseiros neste imenso quintal colonial. A colônia nos fez mal. E ainda não nos livramos dos pés-rapados que nos depenam e se acham corretos. Pegam levam tudo, desde um pequeno alicate até as telhas de sua casa. Sem nenhum pudor ou consciência. O coletivo e o privado. É o ódio do colonizador que ainda restou nos proprietários pequenos, de chácaras e sítios não produtivos. O que chamamos chácaras pra lazer. Cumprem-se todas as leis de obrigações com o empregado. E eles só querem o direito.

Desconhecem o dever! Triste isso. Isso se repete. E repete. E na hora de terminar o contrato, querem o tempo de serviço do INSS, mas a ignorância é a pior arma contra os patrões. Explica-se que tem que dar entrada no Cef, mas, até lá, ofensas, falta de cortesia, ameaças ocorrem. Onde está a igualdade? Pois é. E estou acostumada com caseiros (espertos) larápios. E apesar de acostumada, não me acostumo com as ofensas por parte deles. É assim que caminha a luta entre classes. Vamos rindo por aí. Pagando os advogados de porta de cadeia que aceitam e incentivam o empregado contra o empregador. É assim, o advogado leva o melhor. Vi tantas vezes isso. Que coisa!

Presenciamos a falta de educação pelo Estado! Somos mesmo um país em péssimo desenvolvimento! 25/08/20

Sem mais e nem porque. TAROT S ou poetisa

Na carta de tarot a papisa

Por isso lhe empresto o tempo sem pressa, coisa das poetisas. No amor, na dança.

Não haverá pressa; Por isto lhe empresto Meus olhos fechados De coração aberto.

Sou a estrela no tarot.

A lua das emoções abissais, Abismais, sais lunares, corporais. Sou a papisa no tarot

Eremita do amor Complexidade das cartas Mística de Chartres górica Labirinto sou poetisa.

Empresto-lhe o tempo

Por ser o caminho a eternidade.

Bsb 14 de nov. 2011. IGNEZ

São tuas as luas dos sertões goianos, as luas flutuam sobre suas mãos. Corações se enchem como açudes. Emoções flutuam como as luas despejam orvalhos de ternuras, amor e ilusões! Ig Silveira. 03/09/2020.

Torre digital ao longe, no horizonte empoeirado pelo tempo de mês de agosto. Chove, chuva. Venha lavar as almas.

Tarde de quarta-feira. A cidade aglomerou se de multivalores. Alguns, Deleuze. Temos que navegar nas diferenças e sobreviver aos tubarões parcialmente destruidores. Extremos. Necessitamos. Do caminho do meio termo. Do equilíbrio dinâmico. Da tolerância. Imparcialidades. Humanidade intrevada nas trevas da ignorância. Pontos cegos. Acredito na lux arcana. Paz, boa tarde a todos.

Entender a profundidade deste pensamento. É um olhar sem aflição, sem ansiedade. É estar assistindo ao espetáculo com parcimônia, com alegria nos olhos e no coração. Assim, olho e aprecio o espetáculo do dia, do nascer do sol ao entardecer. Sento na varanda ouvindo os cantos de pássaros no jardim, ou dos que passam alto no céu da liberdade do voo.

Desde olhar 🕍 o espetáculo da vida. Ver uma formiga, uma joaninha 🐞 comendo as hortaliças e, sem pressa, aceitar que fazem parte da paisagem do jardim. Contemplar, olhar o céu brincando com as nuvens ☁ um pique-esconde de fazer e desfazer desenhos, formas ilusórias que vemos na criação de nossa história. Assim. Saber ouvir as pessoas, ouvir as horas que comportam como o nosso estado emocional. Ah, nem vi o tempo passar. Nossa, quanto tempo de espera! E o espetáculo vai nos ensinando, proporcionando experiências únicas. Bora. Ig Silveira. Isso é expansão de consciência!

A pedra que rola nos leitos dos rios. A pedra que está no fundo do mar. A pedra que acertou David. Pedra a se autoaperfeiçoar. Pedra da construção. Pedra do tropeção.

Arrancou a unha do dedão. Pedra da 🏛 Igreja de Pedro. Nunca coração de pedra.

Bibi Catalina e a barata voadora.

E não é que ontem à noite entrou um Drone pela janela da sala! Bibi Catalina quase desmaiou de medo e cautelosamente se aproximava do Drone, que batia asas e escalava a cortina. Que horror! Em casa ou quando viajo, levo armas! Baygon. A melhor arma contra baratas e formigas 🐞 indesejáveis nos hotéis, mesmo 5 estrelas 🌟! Só tinha um restinho ontem e de longe bati no Drone. Bibi Catalina, de orelhas em pé, atenta e com espirros, por causa do Baygon, assistia desconfiada à morte da Barata. Barata enorme, nojenta porque anda nas caixas de esgotos etc. Uii! Ela se mexeu, ameaçando arriscar uma fuga, ou um ataque cheio de patinhas grudentas. 😱. Que medo! Ela subia na cortina e caía abrindo as asas. Voltava energizada para cima do sofá. Que nojo 🤢, meus pensamentos paralelos, vidas paralelas, eco, que nojo! Bibi Catalina acompanhava cada

movimento do Drone voador! A barata caiu, enfim, no chão. Com um ato de coragem, eu pisei nela - *creque* -, estalou feito uma jabuticaba gorda marrom e madura. Que nojenta! E vivemos e convivemos cotidianamente, coexistamos e, no ecossistema, nos alimentamos uns dos outros. E de repente, enquanto fui pegar um pedaço de jornal para pegar o Drone fulminado, ela sumiu! Credo! E reaparece andando meio troncha, manca, tonta e muito malucamente ViVa! .

Pavor e pânico! Não queria pisar de novo para esmagar aquela vitoriosa que sobrevive aos séculos secóleres! Tudo paralisado, filme pausado, eu cogitando a morte da barata, Bibi Catalina, pé por pé, aproximava-se pisando em ovos. Lá vem a sobrevivente arriscando uma corrida no corredor da morte, se encurralando no paredão! Aafffee! Cheia de coragem, fui lá e pisei de novo! Não estourou mais! Barulhinho Choxo! Ou xocco! Já de posse do jornal, saco plástico na mão. Fui, peguei a dita cuja! Bem de pertinho, temo ela ainda voar em mim ! Pânico ! Eu, eu consegui pega-lá e levá-la até a lixeira! Ainda consegui escapar do lixo e novamente no chão. Eu, com o restinho de Baygon, só saía ar! Pisei sem cerimônia, nojo do chão, da chinela, de tudo ! Agora, quase Inez é morta! Uffffaaa! Bora trocar chinela, lavar mã ,  nojo! Aí pensamentos ! Se ela entra no quarto e se acomoda na cama! Nem pensar. Sai, sai paranoia! Bibi Catalina, após o *the end* da barata Dronautica, continuou por algum tempo vigiando a janela, andando sobre ovos sobre o sofá! Aí lembrei-me de um caso verídico. Essa raça de cães é muito pilhada, só na base do Rivotril. Pois é, são escandalosos, metidos a Doberman dog! Então, ouvia noutro dia sobre um cachorrinho chamado Pinochet (pinscher?). Pinochet, como todo bom pinscher, late, rosna, faz alvoroço por nada.

Pinochet morava numa casa com um Pastor Alemão muito dócil. Pinochet latia para o Pastor todos os dias, durante anos, e o Pastor, de boa, nada fazia. Um dia, o Pastor acordou com a pá virada e, quando Pinochet veio implicar com ele, o Pastor deu uma rosnada, avançando em Pinochet, acompanhada de um latido fortíssimo! Pronto, Pinochet caiu duro! Morreu? Pegaram Pinochet e correram com ele para o veterinário. Depois de massagens cardíacas e adrenalina na veia, Pinochet acordou. Teve uma parada cardíaca! É assim! O Drone /Barata pode causar paradas cardiovasculares! Ig Silveira. Precisamos aprender a reagir e a nos defender dos babacas agressores! Kkkk. Bibi Catalina dorme, tem pesadelos com a Barata gigante jurássica! Mexe-se, rosna, late. Dormindo. Kkkkkk

Sou a pedra. De Drumond, de muitos poetas. Sou a pedra de minha vida. Pedra sendo lapidada com o tempo. É assim com pedras e perdas, vamos nos transformando na pedra mor. Do altar retangular, do altar quadrado, alcançando , , por fim, o altar esférico sagrado! Ignez. Brincando com pedras.

Estrada vai e vem. Entre eucaliptos, eu cresci segurando a crina do cavalo ao vento. Corria com o vento, dependurada nas crinas do cavalo dourado. Liberdade de borboleta. Transformação e união com a natureza. Agora é agosto. Mês seco das folhas soltas que adubarão a terra. E lá vou eu. Em meu imenso mundo das aventuras. Ig Silveira.

A fumaça invadiu toda a área, entre casas no ar. Fuligens pretinhos sujam toda a casa. Espirros sem fim. Fogo criminoso no pastinho ali perto do brejo. Aqui do outro lado da rua. O recanto da árvore alta dos tucanos e araras! Os ninhos ali ↗ no meio do céu negro da fumaça. Entorpece a visão. Choram os olhos turvando nosso horizonte. A serra lá longe debruçada sobre os ombros do cerrado. Fogo subindo, fogo descendo destruindo ninhos! Esquentando o tempo que já está desidratado! O vento carrega fuligens que empretejam os lençóis brancos e as almas puras dos animais, aves sobrevoando o desespero de seus ninhos, assando seus filhotes! Ardem os olhos e escorrem narizes. Ig Silveira.

Criança 🌟. Jogo bola na rua com minha neta. Os vizinhos acham estranho! Brinco de frescobol no asfalto, imaginando a areia branca do Guarujá! Vamos a pé pelas ruas e entramos de roupa no Rio, assim como mergulhamos na vida.

Viver é sagrado. Colhemos ovos no jardim. Temos conversas cômicas imaginárias. E os de minha neta têm nomes. Rs.

Andamos com os cachorros pelas ruas no fim da tarde. Molhamos as plantas e os sonhos e tudo é verde, é esperança! Vamos pescar o peixe dos milagres da imaginação das crianças. E cada estória que ouço dela. Viajo com ela de mãos dadas ao dar lá adormecer. E seu caminho é de pedrinhas de brilhantes.

Ela canta, dança, inventa, faz birra, reinventa, e assim vamos crescendo juntas, mesmo à distância! As férias se foram. A casa, confesso, ficou mais vazia. Sem barulhos de batucadas e canções que desconheço. Rs. A minha neta é muito amada por esta vó que fez um ano de aposentada. Gente, preciso de mais energia. Os vizinhos não entendem nada. Coração em ressonância com o universo! Ig Silveira. Preciso dizer. Meus pais brincavam comigo assim.

Agosto, mês de cachorro louco. Lua cheia de uivos de lobos na serra. Cheiro de batata doce assada na figueira. Flores e ventos. Folhas por toda parte. É um coração na mão, esperando setembro na fazenda com as primeiras chuvas.

“No fogo do entardecer, tingindo de vermelho, nossos sonhos. O frescor da tarde dobrando pra lá da cabeceira do rio Corumbá. Feche os olhos. Descansa que a labuta do dia foi desgaste. Absorva do céu a beleza leveza e tranquilidade da bênçãos de Deus. Abrandando calmamente o reboliço do dia. E vá dormir o sono dos que cumpriram o dia. Vá sonhar entre as escamas das fases da noite. E adormecer será como num sonho entre as cores da existência. Paz e bem”.



Paisagem

Passeio de moto sob o céu de agosto. A seca tinge de vermelho, marrom poeira o Planalto Central. Ar seco faz amargar a boca com o vento que tira o prumo nas curvas. Muito lindas as cores das paisagens mergulhadas de agosto até em mim. Agosto do inferno astral virginiano. Tudo espera o renovar das pálpebras brancas da seca. Submersas saudades depasseios a cavalo pelo sertão dos córregos frios. Ig Silveira.

Memórias emendas se despregaram da caixa. RSS. Pois é! Fiquei observando o vento nos eucaliptos e me lembrei muito da fazenda Prata. Nos finais de semana que estávamos por lá, no fim da tarde, após apartar do gado e após o arranjo dos baldes para o dia seguinte, um lanche de biscoitos de queijo, broas, coalhada, pão feito em casa com queijo fresco tirado da forma com café ☕ com leite. Comprida a história da memória que vem, cheia de detalhes dos quais nem sabia que recordava ainda. Aí meu pai falava: "Vamos até a Porteira do Alto para ver o sol se por". E íamos, meus pais e as crianças. Lembro-me bem que subíamos correndo por entre os eucaliptos no lúdico da tarde plena. Ainda tinha capim-gordura, ou meloso, que coloria o pasto de grená cheiroso. E às vezes a lua fazia uma careta por cima daquele grená de meloso cheiroso. Meus pais conversavam, contavam estórias, observavam o tempo sempre com palavras de ensinamentos. Brincavam felizes com as crianças, que éramos nós. O tempo passou, mas para mim é vívida a lembrança. Sons das vozes que se dissipavam no meio da tarde como uma nuvem ☁ no espaço azul límpido. Vozes amáveis. Vozes amorosas e doces que conversavam com as crianças na atmosfera delicada dos sonhos e do brincar. Assim, lá na Porteira do Alto, disto 1 km de

subida por entre os eucaliptos, o sol descia sobre a mata, alaranjando o céu. Lá no alto da Serra do Buriti Sozinho, brilhavam as águas que brotavam e escorriam Serra abaixo, traçando pétalas de Pratas na fazenda Prata. Lá no alto da Porteira, pulávamos de réguas em réguas de um lado para o outro da Porteira, entre risos suaves de felicidade. Gargalhadas das crianças protegidas por meus pais. Aí lusco-fusco, aquela hora do destino final. O sol se apaga da terra. E nesse instantes surgem vagalumes voando, iluminando o imaginário das crianças. Hora de voltar e se acostumar com a escuridão. Correm no escuro, caem, se escondem para passar um susto no outro. Surgindo do meio do capim feito um bicho louco desatinado no medo. Aquele medo que assusta e se esconde por detrás do eucaliptos. A criança sabe que é brincadeira, mas mesmo assim, em fé cênica, grita e acredita na ilusão. O bicho de 7 cabeças. O saci dos bambuais. O homem de joelho. Mil fantasias iluminavam a criatividade. As vozes iam se aproximando. Eram meus pais conversando e rindo e sempre fazendo planos de melhoria do lugar. Assim, entre vagalumes, correrias, sustos, medos de bater queixo (kkkkk), verdade, dava até frio na imaginação das crianças. Agora já em casa, para ainda jogar na mesa lustrosa da sala de jantar e continuar correndo, brincando de pique-pega nas escadas brancas de pedras da Vendinha . Ig Silveira

Somos viajoras e viajores deste planeta, deste tempo cristal líquido que se desfaz.

Antenas pousam distraídas sobre os prédios. A quadra se torna um enorme varal de pássaros. E o Caracará, Gavião afiado, no bote se lança do alto num voo oblíquo atrás de um periquito verdinho da cor da esperança de escapar. Ele escapa, e pousa em minha sacada. Cheio de barulho, com medo no tremor de suas asas. O gavião volta ao topo do prédio, espreita entre as antenas algum pássaro menos antenado. Ig Silveira.

Bom dia. Segunda-feira. Sol brilhante. Coração amante. Esta natureza brasiliense. Seca, frio deserto de clima, mas exuberante em suas flores. Reparem, Brasília está linda.

Flores. Do cerrado. Ipês. Barrigudas. Ai, que beleza! Tem que ter olhos para ver. Apreciar. Contemplar. Bom dia. Vida!

É a poeira do horizonte entardecendo emoções. Desafio: subir o pico dos Pireneus! Beleza que embala embelezando a alma! Um voo solo, único, arregaçando o peito, sangrando o coração, escarlate lua e planetas a desfilar ao som das cornetas dos arcanjos! Lá no alto, Marte granulado passeia nas lentes da luneta, espetáculo visual no palco aberto do céu.

Universal e gratuito. Só agradecendo os sentidos, que percebem, dão e distinguem uma alegria enorme que quer flutuar rumo ao espaço. Louco e medonho. Estranho e delicioso estado do existir. Ilusões! Ig



No ar.

Imaginário sagrado, magia do tempo, mor estação da seca, poeira de estrelas escandalizando a noite! Ig.

Ontem fui ali no banco e a gerente me deu um brinde. Eu abri, agradeci a ela, mas ao perceber do que se tratava, disse:

“Desculpe moça, mas são muito grandes pra mim”. Ela ficou vermelha e disse:

“Isso é pra você colocar no dedo quando o senhor for utilizar o caixa eletrônico”.

Troquei de banco.

Mangas



Mangas verdes, mangas maduras, o fruto doce das maritacas. Dizem que nós, as bruxas da culinária “doce”, conversamos e fazemos mais barulho do que as maritacas em bando nas mangueiras. Tagarelam, derrubando e provando as frutas num escândalo só!

É na simplicidade que se constrói com atenção os detalhes do bom humor e das paixões. Das mangas verdes - costumo ferver as mangas com casca, esperar esfriar um pouco e, com luvas, esprememos-as e passo-as numa peneira, claro, retirando as cascas. Assim, a massa fica fininha e as fibras maiores saem. Fogão, fogo, tacho, doçuras e dedicação.

O doce fica ali no pipocar que sobe e desce dentro do tacho, fazendo barulho de sussurro agourento. Sim, pipoca, espirra e queima as mãos e os braços da gente!

Ver o ponto: numa vasilha pequena com água fria, coloca-se um pouco de doce na água, tipo uma colherada, e espera-se sem pressa. Já diziam: quem tem pressa, come cru.

Espera-se o doce se mostrar devagarzinho, dando as caras, formando uma massa consistente. Olha, deu ponto! E será de cortar. Formas se espalham sobre a pia. Despeja-se o doce com o vapor subindo quentura, embaçando os óculos.

Quantas formas deram? Dez! que bom. Os amigos se regozijam com os presentes. Faço doces e distribuo. É um prazer.

Pessoas saboreando e esclamando: "Hummm, que delícia! Por que você não faz pra vender?"

Mangas maduras, Palmer. KATE, sem fibras demais. Cortam-se os talhos em pedaços, e sobre o açúcar se deitam os pedacinhos de cor forte de manga madura.

Esse é mais rápido e logo, logo estará prontinho para se provar. Mesmo quente, hum, é de orar!

Agradecer é um ato, uma palavra que expressa, ou pode representar o reconhecimento da fartura de Oxossi! Plantar e cuidar. Plantar e replantar o pomar, a horta, a sabedoria da fartura, não deixar faltar

Frutas Acerolas

Grumixamas, Uvaia, cabeçudinhas, pitanga, pitaia, lima, limão, laranjas, várias de casquinhas de limão verde, recheados com doce de leite tirado no curral, muuuuuuuuuuuuu. Jambos, cagaitas, sangue-de-cristo, gabirobas, muricis, pequis, mangabas cheirosas, meio alcoólicas, que predomina em seu sabor.

Pêssegos, figos, quem disse que no cerrado não dá? Romãs, maçãs e peras. Uvas, quem diria? No cerrado dá! A fertilidade que foi ignorada antigamente pela ciência, os agricultores sabiam da produtividade, milho, feijão, arroz, gergelim... mandioca, soja, amendoim, nunca faltou na fazenda e em minha chácara no Distrito Federal. Pois é, faltou mandioca, sabe por quê?

Colher e não replantar: o que acontece?

Acaba.

Vizinhos gostam das frutas da chácara ao lado. Por que não plantam? Buscam escondido, modalidade não sincera! Risos

Contos e crônicas! E fim Textos...

Arquivos celular e tablet. Ignez

30/12/2021

Pirenópolis - Goiás

Arquivo de fotos









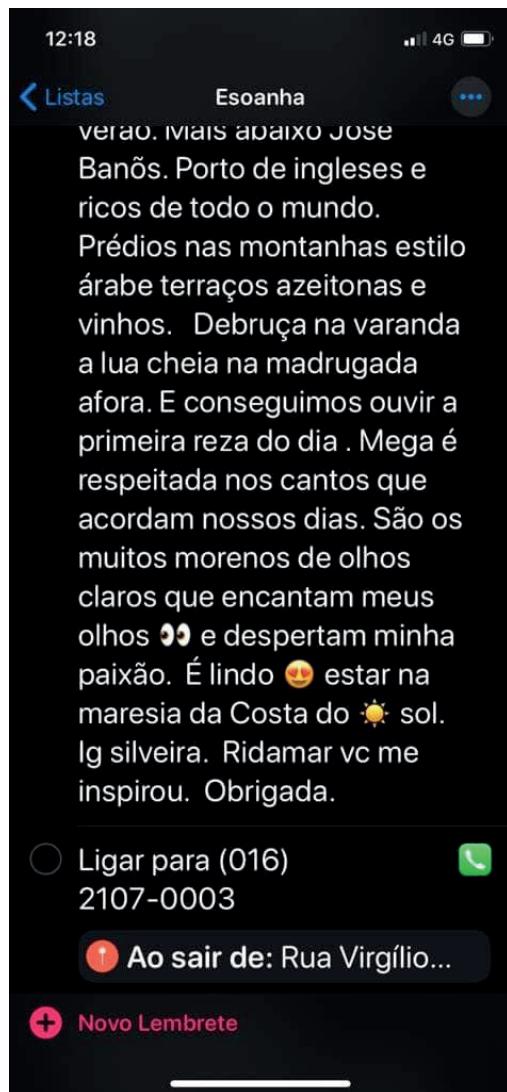






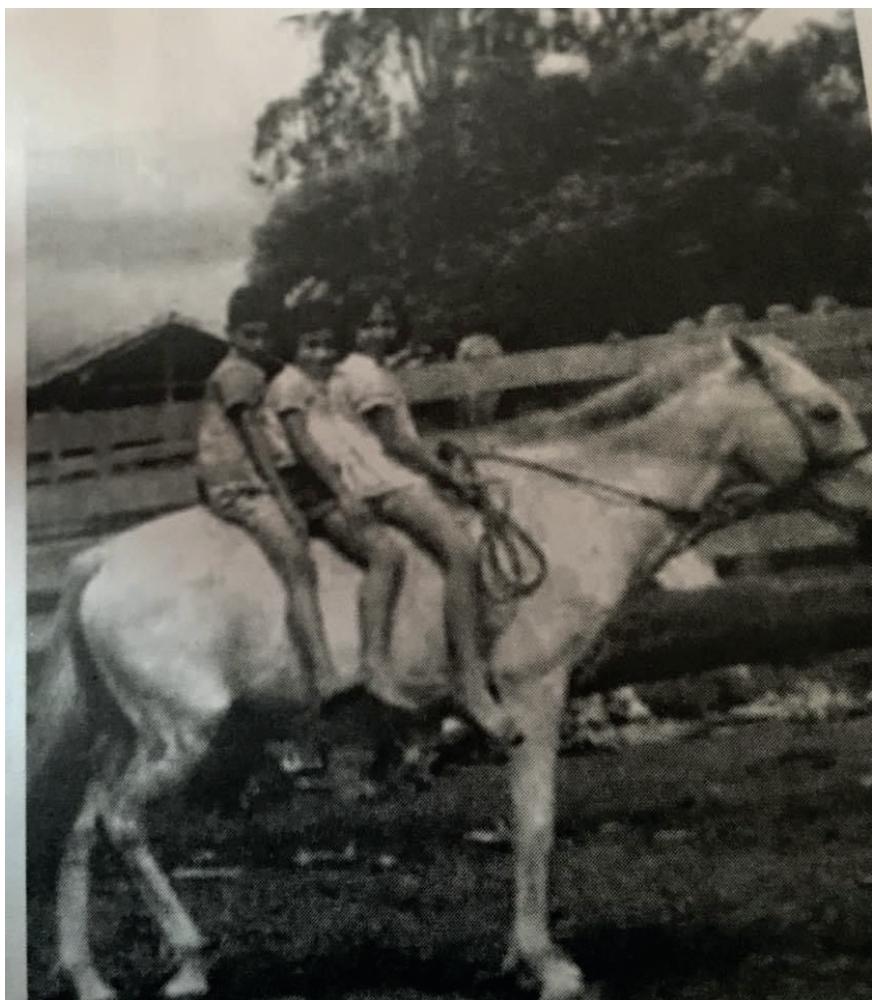






muitos agrotóxicos nestes locais , pois voam , voam e em sua brevidade enfeitam a nossa vida. E talvez explodir noa automóveis seja o seu destino atual. Depois que os asfaltos cortaram os cerrados , serraram a vida de muitos animais. Inclusive a do humano animal que mata e morre nas contra mãos dos retornos , contornos fadados ao fim.





O medo da saudade
Já é saudade que existe.
E assim ,ficar triste
É sofrer por antecipação.
Como saber da fenda no coração.
Mas isso é água que corre
E esse leito de rio é caminho
Onde muitas águas passarão.
Junto com as águas
A saudade da lua
Lunar, meia lua
Aquosa, esquina de rua,
A cidade do interior.
Na fenda do coração,
Plantarei uma flor.
E o medo da saudade
É mais medo da solidão.
Solidão de estar só,
Sem com quem falar.
Mas vai passar.
Talvez precise de algum choro.





MARIA IGNEZ DE BARROS SILVEIRA

Nasceu em São Paulo - SP, filha do piracicabano agrônomo, João de Barros Silveira, e da corumbaense Geralda Ascendina Parente de Barros Silveira, professora, neta de Deodato Sebastião Costa Campos, antigo proprietário do Salto de Corumbá.

O coração goiano de Ignez nasceu na Fazenda Prata, em Corumbá de Goiás, propriedade da família, onde viveu os melhores momentos de sua infância desde os dois anos de idade, desenvolvendo o seu gosto para as letras e para as artes, bem com o seu amor às coisas da terra e aos animais. Entre 1960 e 1984, as suas raízes corumbaenses se firmaram ainda mais, na lida com a fazenda, com os amigos mais chegados e com as tradições locais.

Formada em Psicologia em 1983 pelo Ceub (DF), especializou-se em Psicologia Clínica, em Metodologia do Ensino Superior, Política Criminal Penitenciária e Segurança Pública. Na área específica de saúde, estagiou na China (Pequim) em acupuntura e aprofundou-se nos seguintes campos da Psicologia: logoterapia e tanatologia. Foi instrutora e facilitadora de grupos profissionais e terapêuticos em várias instituições brasilienses, como a

Biblioteca Demonstrativa do MEC/INL; grupos de teatro enfermagem; Curso de Negociação para PM/Bope-Df; Faculdade Projeção, Polícia Militar do DF. No Ministério Público, como servidora, atuou na chefia da área psicossocial/processual do MPDFT e colaborou na estruturação do PLANASSISTE/MPU e do Serviço de Saúde do MPDFT, como diretora administrativa.

Tem como principais hobbies as viagens e o motociclismo. Ganhou a corrida de rua de 1982 a cavalo em Corumbá. Fotografa desde pequena, escreve, lê, adora a natureza, animais, filmes, correu de kart em Interlagos - SP, gosta de mergulho (esportes aquáticos), aikidô, arte e livros. Escreve desde os 7 anos de idade. Publicou em coletâneas (*Mutirão de poesia, Mil poetas brasileiros* e outros) e é autora de dois livros de prosa publicados (*Sertão Afetivo* e *Fractais do Cerrado*). Além de trabalhos técnicos (entre eles, um capítulo do livro *Criminologia e direitos humanos*, publicado no Rio de Janeiro), escreveu vários artigos para o jornal *Correio Braziliense*, para a *Revista de Gatos, Revista Miragens (DF)revista*. Em breve, lançamento do livro - *Red internacional de educación y cultura --- Américas em foco --- Integración latina y caribena cultura: artes , ciências y literaturas*; revista vol 2 - Goiás /Brasil (no prelo).

É mãe de Breno José da Silveira Cândido, 38 anos, e avó de Sofia Galvão Silveira, 9 anos.

Membro fundadora da Academia Corumbaense de Ciências, Letras, Artes e Música com a cadeira 11, Patrono Alfredo Costa Campos, agosto de 2022, Corumbá de Goiás. Academica da Academia Internacional de Cultura, sede DF, patrono Viktor Frankl.



Dedico o livro a todos que caminharam ou caminham comigo. Seja infância, trabalho, faculdade, amizade e viagens.

No tempo ilusão (mundo) conspiradores da sorte. Viajadores dos espaços possíveis, impossíveis de ser ou estar. Universo!
Nosso planeta terra!



Dedico o livro a todos que caminharam ou caminham comigo. Seja infância, trabalho, faculdade, amizade e viagens.

No tempo ilusão (mundo) conspiradores da sorte. Viajadores dos espaços possíveis, impossíveis de ser ou estar. Universo!
Nosso planeta terra!

